C-S-1130864

REPÚBLICA PORTUGUESA
CULTURA
DIREÇÃO REGIONAL DE CULTURA DO CENTRO

Parecer:	Despacho: Determino a abertura do procedimento de classificação de âmbito nacional do Campo Militar da Batalha do Buçaco. Concordo com o proposto tecnicamente. 27/9/2016 29/02/17 PAULA ARAÚJO DA SILVA Diretora Geral
À consideração superior. Concordo e com o proposto. 27.9.2016	

ASSUNTO: **Campo Militar da Batalha do Buçaco (2 locais)**, concelho de Mealhada, freguesia do Luso, concelho de Mortágua, freguesia de Trezói, concelho de Penacova, freguesias de Carvalho e de Sazes do Lorvão. Abertura do procedimento de classificação.

Processo: 2015|01-11-04|06-13-10|18-08-09(XVII) Inf. nº 37/DRCC/2016 Data:27/9/2016

Servidão Administrativa: Em Estudo

I. ANTECEDENTES PROCESSUAIS

1. A abertura dos processos de classificação dos imóveis relacionados com a Batalha do Buçaco, solicitada pelo Estado-maior do Exército, foi proferida por despacho do Exmo. Sr. Secretário de Estado datado de 8 de agosto de 1982 e abrangia os cinco imóveis seguidamente discriminados, que originaram processos de classificação independentes:
   - o Moinho de Moura - posto de comando de Massena – [proc. 80/3 (26) que passou a 79/3 (12)]
   - o Moinho de Sula - posto de comando de Craufurd – [proc. 80/3 (27)]
   - a Capela de Nossa Senhora da Vitória ou das Almas do Encarnadouro - hospital de campanha – [proc. 80/3 (28)]
   - Monumento comemorativo da Batalha, *vulgo* obelisco – [proc. 80/3 (29)]
   - a Lápide - que assinala o posto de comando de Wellington – [proc. 80/3 (30)]

2. Em parecer/informação técnica nº425/DRC/DS de 2003 foi proposta a tramitação conjunta dos processos, contudo, na sequência desse parecer foi, pelo Diretor Regional de Coimbra do IPPAR, considerado mais adequado o encerramento dos mesmos processos, no sentido de dar início a novo procedimento a efetuar de acordo com os moldes e legislação então aplicáveis. Este despacho transitou para o Conselho Consultivo do IPPAR e obteve a concordância do Relator, arqtº José da Conceição Afonso que, em parecer aprovado em reunião do refererido Conselho Consultivo, de 8 de janeiro de 2004, considerou ser de iniciar um novo procedimento relativo, já não à classificação de

per si dos imóveis relacionados com a Batalha, mas respeitante à classificação do Campo de Batalha (2 locais) com a delimitação de uma Zona Especial de Proteção que englobasse os imóveis relacionados com a Batalha, como abaixo transcrito.

2. Após a concordância do Exmº Presidente do IPPAR, por despacho de homologação de S. Exª o Ministro da Cultura, de 28 de janeiro de 2004, os processos supra identificados foram encerrados - com o intuito de posteriormente se proceder à abertura de novo procedimento de classificação, tendo havido concordância expressa com os pontos 7.b – "processo tendente à eventual classificação do Campo de Batalha (2 locais)" e 7.c – "Que os imóveis que se encontram dentro dos limites daqueles locais supra referidos onde decorreu a Batalha estão salvaguardados pelo processo de classificação do próprio campo, os demais que se considere de interesse a salvaguardar e que não se encontrem nesta situação, deverão ser inseridos numa Zona Especial de Proteção do referido Campo de Batalha".

3. Em 2008, por ocasião das comemorações dos 200 anos da Guerra Peninsular, a Câmara Municipal da Mealhada efetuou um pedido de classificação dos monumentos situados na área do Campo Militar do Buçaco (elencando os imóveis cuja abertura do processo de classificação tinha sido revogada), alegando eventuais riscos de conservação dos imóveis.

4. Na sequência da informação técnica n.º 731/DRCC/2008, foi determinada pelo Exmº Sr. Diretor do IGESPAR, por despacho de 16 de março de 2009, a continuação do processo de classificação proposto pela Câmara Municipal da Mealhada, o que conduziu ao pedido de apreciação tendente à revogação do despacho de 28 de janeiro de 2004, que dava por encerrados os processos. Esta situação levou à elaboração da informação n.º 902/DRCC/2009 com a apresentação de duas opções de prosseguimento do processo de classificação dos monumentos do Campo Militar do Buçaco:

    a. proceder à submissão de parecer do Conselho Consultivo do IGESPAR para efeitos de revogação do despacho de encerramento ou

    b. ou prosseguir com as diligências de solicitação às respetivas Autarquias de publicação de editais de encerramento dos processos.

Esta informação obteve o seguinte despacho de 25 de setembro de 2009 do Exmº Diretor do IGESPAR: "(...) determino que se dê sequência do Despacho de Homologação do Senhor MC de 28.1.04, conforme proposto no ponto 9 da infª 731/DRC/08".

5. Em conformidade, procedeu esta Direção Regional à tramitação de encerramento dos processos de classificação, solicitando às Autarquias envolvidas - Mealhada, Penacova e Mortágua - a publicação dos respetivos editais. Este procedimento ficou ultimado com a informação sobre a publicação dos editais, transmitida pela Câmara Municipal de Mortágua, entrada nesta Direção Regional em agosto de 2015.

6. Ficaram, assim, reunidas as condições para se iniciar o procedimento de classificação do Campo Militar do Buçaco, com dois locais de combate, a saber em Santo António do Cântaro, freguesia de Sazes de Lorvão, concelho de Penacova e em Moura-Sula, freguesias de Trezói e Luso, nos concelhos de Mortágua e da Mealhada, conforme infª1144/DRCC de 7/9/2015.

II. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

7. Guerra Peninsular

A histórica rivalidade entre França e Inglaterra de contornos político-militares, após a Guerra dos Sete Anos (1756-63) - ganha pela Inglaterra e seus aliados – reforçou, pela parte da França, a componente estratégica de tentar enfraquecer a economia britânica e a sua supremacia naval, o que contudo não conseguiu alcançar, tendo mesmo sofrido uma pesada derrota da frota franco-espanhola na batalha naval de Trafalgar em 1805.

O general Napoleão Bonaparte vencedor contra a 2ª Coligação[1], que assume o governo da França em 1799, e é proclamado Imperador pelo Senado francês (1804), mesmo após a derrota de Trafalgar, mantém os seus desígnios: desfaz a 3ª Coligação[2] ao ganhar a Batalha de Austerlitz e, em finais de 1806, emite o decreto de Berlim, pelo qual proíbe o acesso dos navios ingleses e irlandeses aos portos dos territórios que dominava - o chamado Bloqueio Continental. A assinatura do Tratado de Tilsit com o império russo, em julho de 1807, garantia o encerramento dos portos de mar no extremo leste da Europa, fazendo estender a influência francesa até à Turquia [CHARTRAND, 2001, p.7].

Eventualmente compelido a tomar medidas hostis para com a Grã-Bretanha, Portugal assina uma convenção secreta em Londres, em 22 de outubro de 1807, prevenindo, nessa circunstância, o assalto inglês às possessões portuguesas ultramarinas. Como forma de evitar a perda da soberania, em caso de invasão francesa, equacionou-se igualmente o embarque da família real para o Brasil. Efetivamente, o príncipe regente D. João acabará por aderir ao Bloqueio Continental e declarar guerra à Inglaterra em 30 de outubro. Apesar desta tomada de posição pró-França, na sequência do Tratado de Fontainebleau entre França e a Espanha em outubro de 1807 (que dividia Portugal em três unidades políticas a serem distribuídas pelos dois países), Portugal sofre a **primeira invasão francesa.** A 19 de novembro, oexército comandado pelo general Junot entra pela Beira Baixa e alcança Lisboa (27 de novembro), pouco depois da família real e a corte terem rumado para o Brasil (30 de novembro). O poder político ficava nas mãos de uma Junta Governativa designada pelo regente [NUNES, 2004, p. 51].

[1] A Revolução Francesa gerou receio entre as casas reinantes europeias, que se aliaram formando a 1ª e a 2ª Coalizão (1793 e 1798) contra a França republicana, designadamente o Império austríaco, os reinos da Prússia, Sardenha e Nápoles, Espanha e Grã-Bretanha, depois os Estados Papais, o Império Russo, Portugal, Suécia, etc.
2 Formada pelos reinos da Grã-Bretanha, Rússia, Nápoles, Suécia e Áustria.

A partir da tomada de Lisboa, a revolta popular irrompeu em vários pontos do país, coadjuvada em maio do ano seguinte pela decisão do Príncipe que, do Brasil, declarava nulos os acordos com França e Espanha. Depois disso, as ações de guerrilha crescem de tom, levando à concentração das tropas francesas predominantemente na zona de Lisboa, sendo criada no Porto a Junta Provisional do Supremo Conselho do Reino. Não aderindo ao Bloqueio Continental, Portugal abria a única porta possível para a Inglaterra desembarcar as suas tropas de forma segura e daí lançar as bases para combater os franceses na Espanha e assim ameaçar de perto a própria França [NUNES, 2004,p. 130].

A França conhece a sua primeira derrota na Península Ibérica quando as forças portuguesas em junho de 1808, comandadas pelo general Silveira, obrigam à retirada do general Loison, na batalha dos Padrões de Teixeira (Régua). No início de agosto os franceses já só dominavam claramente a zona de Lisboa, estando as principais praças em mãos portuguesas ou sitiadas. Quando sobreveio a ajuda inglesa, a 20 de julho de 1808, Portugal garantia já portos seguros e áreas libertadas para o desembarque em segurança de efetivos [PIRES, 2011, p. 270-271].

Após as derrotas do exército francês na Roliça (17 de agosto) e no Vimeiro (21 de agosto), nas quais o tenente-general Wellesley teve papel preponderante, é firmada pelos comandantes-em-chefe dos exércitos britânico e francês a chamada Convenção de Sintra (30 de agosto de 1808), armistício pelo qual as praças e fortes eram transferidos para o exército inglês e os franceses evacuavam o país sem quaisquer represálias ou espoliação dos bens pilhados. Os subscritores ingleses da convenção, os generais Darymple, Burrard e Wellesly vieram depois a ser julgados pelos termos favoráveis desta para os franceses, mas embora absolvidos os dois primeiros viram as suas carreiras aniquiladas, o que veio a determinar a ascensão militar e pública de Wellesly, futuro duque de Wellington [NUNES, 2004, p.72]. Terminava assim a primeira invasão francesa em Portugal, conquanto Espanha se mantivesse em grande parte dominada. A defesa de Portugal permanecia em mãos inglesas, primeiro sob o comando do tenente-general John Moore e, seguidamente, sob o do tenente-general John Cradock.

Em janeiro de 1809, Bonaparte abandonava Madrid rumo à Áustria deixando tudo preparado para a **segunda invasão** a Portugal, pelo 2º corpo do exército francês comandado pelo marechal Soult, que a organizava a partir da dominada Galiza, na chamada "brecha de Chaves". Soult coadunaria o eixo de invasão do Minho com o da Beira e do Alentejo comandados por Lapisse e Victor, num total de 54 000 homens, com o intuito de chegar, uma vez mais, a Lisboa.

Apesar (e devido) ao enorme esforço de guerra dos portugueses na defesa da Pátria, pela qual tinham sido massacrados milhares, a reorganização do exército português era premente, tarefa que ficou a cargo do tenente-general William Carr Beresford, familiarizado com o país. Cabia entretanto ao general Bernardim Freire de Andrade (governador do partido do Porto) em conjunto com o brigadeiro Francisco da Silveira, a defesa da zona mais ameaçada, a norte, sobre o rio Minho. Esta defesa foi temporariamente eficaz e levou à deslocação da frente de invasão para Chaves, por onde se iniciou a segunda invasão francesa, que em 29 de março alcançava a cidade do Porto [NUNES, 2004, p.79]. Aí,

preparava-se Soult para instituir o Tratado de Fontainebleau no concernente ao reino da Lusitânia Setentrional.

Em 2 de abril de 1809, Arthur Wellesly era nomeado Comandante-chefe do exército Britânico para a Península Ibérica [VALENTE, 2011: p.381]. Desembarcado em Portugal a 22 desse mês, substituía o tenente-general Cradock no comando de todas as forças britânicas e, também, por decreto de 29 de abril o título de Marechal General dos Exércitos Portugueses, ficando desta forma o exército português subordinado ao comando inglês. Daquela data até meados de maio as operações comandadas por Wellesley, Beresford e Silveira, em conjugação com o levantamento popular generalizado, a ação das milícias (guerra total?) e a passividade dos generais Lapisse e Victor (aquartelados em Espanha), tiveram como consequência a retirada de Soult para a Galiza, o que determinou o fim da segunda invasão francesa de Portugal, que teve assim a duração de quatro meses.

Repelidos os franceses de Portugal, Wellesly aceita ajudar a Junta de Defesa espanhola e pretende marchar sobre Madrid, mas acaba por confrontar as tropas francesas em Talavera, numa batalha que ganhou sob o ponto de vista tático, e que lhe granjeou o título de lorde Wellington [NUNES,2004, p. 91]. Contudo, além-Pirinéus o poder napoleónico conquistara mais terreno nas batalhas de Eckmuld, Essling e Wagram - a Áustria e a Alemanha rendiam-se e os Estados Pontifícios eram anexados [CHARTRAND, 2001, p. 7]. As forças da Quinta Coalizão soçobraram e foi assinada a paz na ocupada Viena, aos 14 de outubro de 1809. Toda a Europa parecia subjugada à França, e, no país vizinho, as sucessivas derrotas em Almonacid, Ocaña e Alba de Tormes, anulavam severamente a resistência espanhola na Península.

8. A Terceira invasão francesa

Perante este panorama, Napoleão delineia novo assalto à fronteira portuguesa almejando o domínio total da Península Ibérica e a expulsão dos ingleses. Nomeia o seu marechal André Massena comandante do *Exército de Portugal*, organizado com Estado-Maior, Polícia e Artilharia, Engenharia e Trens, e três Corpos (dos 14 que integravam o exército napoleónico), com cerca de 65.000 homens[3] - constituindo este o contingente mais numeroso de todas as três invasões. O II Corpo de Exército (CE) sob o comando de Reynier dispunha das divisões de infantaria de Merle e Heudelet; o VI CE sob o comando de Ney, incorporava as divisões de infantaria Marchand, Mermet e Loison (o Maneta) e uma brigada de cavalaria; e a VIII CE, sob o comando de Junot, integrava as divisões de infantaria de Clausel, Solignac e de cavalaria de S. Croix. Montbrun comandava a divisão de cavalaria de três brigadas, Eblé, a artilharia e Lasouski, a Engenharia de Campo. A artilharia era composta por cerca de 80 bocas de fogo [LOUSADA, 2011, p. 324-325].

[3] O número de efetivos não é concordante em todos os autores, oscilando entre os 70.000 presentes no assalto a Ciudad Rodrigo, reduzindo o número no ataque do Bussaco entre 65.000 e cerca de 50.000.

Preparava-se a **Terceira Invasão,** cuja missão era tomar Lisboa novamente e a entrada escolhida foi pela Beira, uma vez que a Galiza e a Andaluzia estavam fora de controlo francês. Napoleão delineou a ofensiva do seguinte modo: tomar Cuidad Rodrigo e a praça-forte de Almeida e, após as colheitas (as necessidades de abastecimento de um grande exército eram prementes), progredir dali pelo eixo Viseu-Coimbra (o que oferecia melhor acessos viários para a deslocação da artilharia) em direção a Lisboa.

Enquanto o Exército Francês era composto por profissionais, o Exército Anglo-Luso integrava maioritariamente portugueses, cerca de 32 000 homens de 1ª linha (o que sobrava do exército regular que tinha sido desbaratado aquando da 1ª invasão), ao que se somavam as 2ª e 3ª linhas (milícias e ordenanças – exército irregular – as chamadas forças de flagelação), e 20 000 britânicos, num total de cerca de 52 000 homens. O comandante-chefe lord Wellington adotou a Divisão enquanto unidade tática básica (constituída em regra por 2 brigadas inglesas e 1 portuguesa, tendo cada uma 3 batalhões, tendo a cavalaria 3 brigadas de 2 regimentos cada). A cadeia de comando era ocupada por britânicos nas divisões e brigadas, intercalando-se os portugueses e britânicos nos regimentos, batalhões e companhias [LOUSADA, 2011, p. 328].

Wellesly definiu a sua estratégia em 4 pilares fundamentais:

- a integração das forças portuguesas comandadas por Beresford num exército anglo-luso comandado por ele próprio;
  o sistema de forças foi organizado com a seguinte distribuição: a 1ª divisão (única totalmente inglesa) adscrita ao tenente-general Spencer, a 2ª divisão mista ao tenente-general Hill, a 3ª divisão mista do tenente-general Picton que integrava a 5ª brigada, a 4ª divisão mista do tenente-general Cole que integrava a 7ª brigada, a 5ª divisão mista do tenente-general Leith, que integrava a 8ª brigada e a divisão ligeira de Craufurd e ainda algumas brigadas independentes e em guarnição [NUNES, 2004, p.135].

- a distribuição deste Exército pelas zonas de possível penetração junto à fronteira, mas de fácil concentração em caso de ataque;
  na incerteza do percurso escolhido pelo general francês, as tropas aliadas foram dispostas no vale do Tejo (divisão de Leith em Tomar), no Alto Alentejo (divisão de Hill em Portalegre) e Beira Alta (divisão de Picton em Pinhel, de Cole na Guarda e de Spencer em Viseu), enquanto regimentos de milícias comandados por Trant, Silveira, Bacelar e Leite varriam várias zonas do país [LOUSADA, 2011, p.329].

- a construção de uma barreira física - linhas de Torres Vedras - que salvaguardasse a necessidade de reembarque britânico em caso de derrota e simultaneamente protegesse a península de Lisboa;
- a estratégia logística com a aposta no depauperamento e exaustão das tropas francesas através da política de "terra queimada" impedindo o seu abastecimento, e ainda os ataques

de guerrilha levados a cabo pelas forças de 2ª e 3ª linhas [MUSEU MILITAR DO BUÇACO, 2010, p. 57].

Movimentações

Caída Ciudad Rodrigo, no início de julho de 1810, o primeiro confronto em solo português deu-se no Rio Côa, em 24 de julho de 1810, zona defendida pela divisão ligeira do brigadeiro Craufurd, que foi obrigado a retirar perante a investida do gen. Loison, do corpo do marechal Ney. Na sequência da explosão de um paiol com 67 toneladas de pólvora, que matou mais de um milhar de pessoas entre civis e militares, em 28 de agosto caía a praça de Almeida[4], cercada durante duas semanas pelos franceses.

A marcha sobre Lisboa iniciava-se, pois, em meados de setembro, mas Wellington pretendia retardar os progressos de Massena sobre Lisboa. Wellington calculou que este avançasse pela margem esquerda do Mondego, pela ponte da Murcela e preparava uma posição defensiva no Alva, mas Massena após "demonstrações de marcha", passou à margem direita, rumo a Viseu (via Guarda) na busca de provimentos, acompanhado pelos II CE e VI CE, enquanto o VIII CE avançava mais a norte, na orientação Pinhel-Trancoso-Penalva-Viseu, pelo norte do Mondego. As terras por onde o exército francês passava, contudo, estavam devastadas e as provisões destruídas ou escondidas e Viseu foi encontrada deserta.

Após a saída dos franceses de Viseu, Wellington marchou na estrada Viseu-Mortágua: cobriu o rio Criz (Serra do Caramulo até Aguieira) com a brigada independente portuguesa, Mortágua com a divisão ligeira, a Mealhada com a 1ª divisão, Foz de Arouce com a 2ª divisão, as 3ª e 4ª nas proximidades de Penacova e as milícias de Trant e Wilson vigiando a estrada de Aveiro, no Sardão (Águeda). Estes arranjos pareciam indicar a intenção de defender a cidade de Coimbra com uma linha de combate suportada pela dianteira pela serra do Buçaco [NUNES,2004, p. 101-102].

A Serra do Buçaco, com cerca de 18 km de extensão em orientação sudeste para noroeste, é "constituída por uma cadeia de montanhas graníticas, eriçadas de rochedos escarpados de difícil acesso" [SORIANO, 1874,p.164], com muitas ravinas e encostas de declive acentuado, atingindo em alguns pontos 500m de altura. Na época, a serra totalmente desarborizada permitia a observação dominante a 360º em redor – constituía, assim, uma "muralha natural".

A serra começa a sul numa elevação abrupta de 323m sobre o rio Mondego, junto a Penacova, o Monte Alto, altitude que chega aos 431m no Cabeço dos Bolegões e aos 472m na Portela da Oliveira, atingindo os 550m no Buçaco, onde forma um planalto com 500m de largo. A partir daí desce até às almas do Encanadouro/Sula. A norte termina no Ninho de Águia, por aí passando a estrada de Mortágua a Coimbra (com passagem pela povoação de Sula), comunicando com a serra do Caramulo, por onde passava um caminho estreito que ligava Mortágua a Boialvo.

[4] Apesar de não se dever à bravura gaulesa, Almeida é aliás a única vitória sobre as tropas portuguesas que figura no Arco de Triunfo de l'Étoile, em Paris.

A 20 de setembro a guarda avançada do VI CE (Ney) avançava em direção a Coimbra. No dia imediato a guarda-avançada de Massena alcançava Santa Comba-Dão onde ficou, vigiada pelas forças de Pack e Craufurd. Wellington montava o seu quartel-general no convento do Bussaco e iniciava o reconhecimento da serra e da estrada para Mortágua para tomar posição.

A 23, em reunião em Viseu as três opções adiantadas por Ney (retirar para Almeida aguardando reforços, manobrar pelo norte ou ir para o Porto por Viseu), foram recusadas por Massena, que considerou marchar sobre o Porto, e não sobre Lisboa, uma desobediência a Napoleão. Assim, decidindo que a passagem pela serra do Buçaco em direção a Coimbra era o obstáculo de menor valor (em opção ao desfiladeiro de Penacova ou ao contorno da serra pela direita na ligação com a serra do Caramulo), resolveu que se devia prosseguir nessa direção.

A 24, o II CE ainda se conservava em Santa Comba-Dão e a vanguarda do VI CE passava a ponte sobre o Criz após o confronto com a brigada de Pack. O VIII CE descia por S. Miguel do Outeiro, Massena mantinha-se em Viseu até dia 25, alcançando nesse mesmo dia Tondela, enquanto os corpos dos marechais Ney e Reynier, avançando na direção de Coimbra, se deparavam com a imponência da Serra do Buçaco e vislumbravam movimentações das forças aliadas.

O II Corpo saiu da estrada Mortágua-Coimbra para a povoação de Santo António do Cântaro (foto 1), enquanto o corpo de Ney prosseguia alcançando Moura ao fim da tarde do dia 25 de Setembro (fotos 19-20). Ambos os marechais consideraram um ataque imediato às forças anglo-lusas, mas a ausência de Massena não o permitia.

Perante este avanço as tropas anglo-lusas retiraram para o alto da serra ficando as tropas maioritariamente em contra encosta (foto 11), a coberto da divisão ligeira e da cavalaria de Cotton [NUNES, 2004, p. 102]. Wellington mandou desentaipar a porta da Rainha na cerca do convento por estar mais próxima da estrada e abrir uma passagem pelo cume da serra, o que lhe permitia aceitar os riscos de uma defesa descontínua [TAVEIRA, 1910, p. 678].

Na carta que Reynier dirige a Ney às 8h da manhã de dia 26, descreve o reconhecimento das posições dos aliados frente a Santo António identificando os batalhões portugueses na crista à cota de dissipação do nevoeiro, as peças de artilharia e a infantaria inglesa, e calculou que, dadas as características da montanha de crista estreita e encostas íngremes, não haveria espaço para dispor reservas de força e manobrar - no que se enganou.

Massena, em reunião nessa noite, decidiu dar batalha imediatamente e redigiu a sua ordem de operações na povoação de Moura:

- o II Corpo devia atacar a direita das linhas inimigas escalando a serra em local mais acessível, em ofensiva frontal com aproximação em coluna (1 ou 2) precedida por atiradores; chegados ao cume deviam fazer o ataque em formação de coluna cerrada e depois, e descer em direção ao caminho de Coimbra devendo parar no Convento do Bussaco. A artilharia ficaria na retaguarda em apoio.

- o VI Corpo devia atacar ao longo de dois caminhos que conduziam à estrada para Coimbra , ficando uma divisão em reserva e a artilharia igualmente disposta em apoio, em diferentes posições. Pretendia que Ney atacasse na zona de Moura quando Reynier alcançasse a crista da serra frente a Santo António

do Cântaro e Pendurada, para seguir de encontro ao Convento, podendo movimentar-se antes, em caso de o julgar oportuno [Revista Militar, 1910, p. 683].

Pelo lado dos aliados, entre a tarde de 26 e a manhã de 27, Wellington dispunha as tropas anglo-lusas pelas encostas da serra em duas linhas defensivas (crista militar e crista topográfica) barrando os pontos de passagem e assegurando o apoio entre unidades - tanto que, para tal, tinha mandado abrir uma passagem ao longo da serra [Museu Militar, 2010, p. 61] - com o seguinte dispositivo:

Na ala esquerda, guarnecendo o cimo da serra, no Ninho d'Aguia ficou a divisão de Cole secundada pela brigada portuguesa de Collins. Seguia-se na parte mais elevada da serra a 1ª divisão de Spencer, (barrando o eixo Mortágua-Luso-Mealhada que Ney pretendia seguir), tendo defronte a divisão de Craufurd na área sobranceira a Sula, secundada na retaguarda pela brigada alemã e pela vanguarda pela brigada portuguesa de Pack (que já confrontara a vanguarda do VI corpo francês na passagem do rio Criz no dia 24).

Na estrada para Penacova pela margem direita do Mondego se postou a divisão de Hill ocupando na diagonal o caminho entre Bussaco e Penacova. A ala direita do exército aliado ocupava o espaço acidentado desde a Portela da Oliveira até à encosta do principal alto da serra constituída pela 5ª divisão de Leith, com a retaguarda protegida pela brigada da Leal Legião Lusitana, e ainda, para a esquerda desta força defendendo a estrada para Santo António do Cântaro, pela 3ª divisão de Picton, reforçada pela brigada de Champalimaud (regimentos 9 e 21), que assim garantia mútuo apoio a Spencer e a Leith. Wellington assumiu o posto de comando na crista topográfica na área da divisão de Picton. A divisão de Spencer constituía o centro da linha de batalha tinha-se colocado na parte mais elevada da serra, um pouco adiante do convento e a um lado da estrada para Mortágua tendo do outro lado a divisão ligeira de Crauford [SORIANO, 1874, p.165]. Nos lugares de maior probabilidade de ataque inimigo estavam unidades portuguesas: em Santo António do Cântaro a brigada de Champalimaud e Infantaria 8 e em Sula a brigada de Pack e Caçadores 1 e 3 [Museu Militar do Buçaco, 2010, p.61].

No planalto do alto a cavalaria vigiava a estrada de Mortágua à Mealhada. Cobrindo quase toda a frente - havia zonas desocupadas que os escarpados tornavam inexpugnáveis - estava o exército anglo-luso com as divisões em linha, conforme imagem infra. O terreno por onde forçosamente os franceses teriam que manobrar na subida à serra era ainda dominado por cerca de 60 peças de artilharia [CHAMBERS, 1910, p. 138], e as tropas em reserva dispunham-se em várias posições na retaguarda das duas alas do corpo de batalha escondidas na contra-encosta. As brigadas estavam posicionadas de forma a poderem acorrer ao local onde os franceses atacassem. Wellesly que previa um ataque com formação em coluna até ao sopé da serra e depois uma progressão em linha, detinha assim uma posição sobranceira ao longo de cerca de 17 km.

As forças em oposição eram constituídas pelos seguintes contingentes: pelos aliados 56 641 (29 762 britânicos e 26 879 portugueses)[5] e os franceses entre 62 462 e 65 974 homens[6] [CHAMBERS, 1910, p.8-9].

[5] O citado coronel Taveira, por exemplo, aduz o número de 52 272 homens presentes no Buçaco.
[6] Outros autores referem pouco mais de 50 000.

Embora com alguma superioridade numérica, os Franceses encontravam-se em desvantagem tática: todas as suas movimentações eram observáveis pelos aliados; encontravam-se debaixo de fogo ao tentar assomar às posições inglesas, pelo que tinham forçosamente de disparar de baixo para cima; e enfrentavam as dificuldades de deslocação da artilharia, (e também da infantaria), pois as passagens já em mau estado, tinham sido destruídas [CHAMBERS, 1910, p. 22-23].

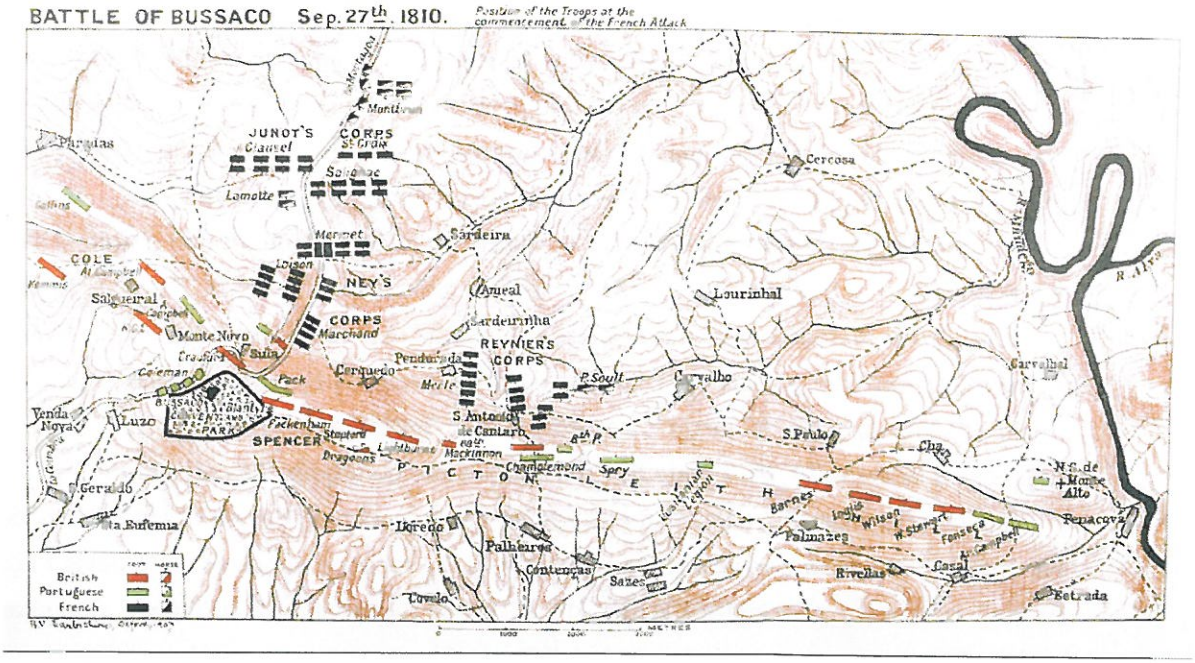
O II CE de Reynier, como já referido, consistia na 1ª divisão de Merle e na 2ª de Heudelet, uma divisão de cavalaria e um destacamento de artilharia num total de 17 718 homens. Já o VI CE de Ney que estacionou perto de Moura, tinha a 1ª divisão de Marchand, a 2ª de Mermet, a 3ª de Loison, a brigada cavalaria de Lamotte, e alguma artilharia, num total de 24 306 oficiais e homens. O VIII CE de Junot tinha a divisão de Clausel e a de Solignac e a brigada de cavalaria de Solignac num total de 16 939 oficiais e homens. As forças francesas dispunham ainda da reserva de cavalaria e de artilharia.

9. A Batalha do Buçaco

Na madrugada de 27, a coberto da bruma, o ataque francês foi feito de acordo com as instruções de Massena: duas ofensivas distintas e que deviam ser simultâneas. O conceito de ação atribuía ao VI CE o ataque principal e ao II CE a operação de moldagem [LOUSADA, 2011, p. 336].

As duas colunas do II Corpo, de Reynier, das posições em Santo António de Cântaro, avançaram em direção à crista da serra (foto 6 a 9), com vista a penetrar no que julgava ser a direita do dispositivo aliado, composta pelas divisões de Picton (3ª) e de Leith (5ª), com o objetivo de as fazer retroceder até ao Convento.

O VI e o VIII corpo posicionaram-se - Junot ficou em reserva abaixo de Moura (foto 19) e as três colunas comandadas por Ney que pretendiam tomar a Porta de Sula, atacando pela esquerda a direita dos aliados, colocaram-se em coluna frente à divisão de Craufurd - que comandava a partir do moinho de Sula [CHAMBERS, 1910, p. 40]. A posse da povoação de Moura era importante pois garantia o trânsito das tropas pelo vale de Melijoso na subida para Sula em direção ao flanco esquerdo da serra, que os franceses pensavam terminar na mata. Para evitar esse torneamento os ingleses ocuparam o Cabeço Redondo e o Ninho da Águia [DUQUE, 2012, p.39-41].

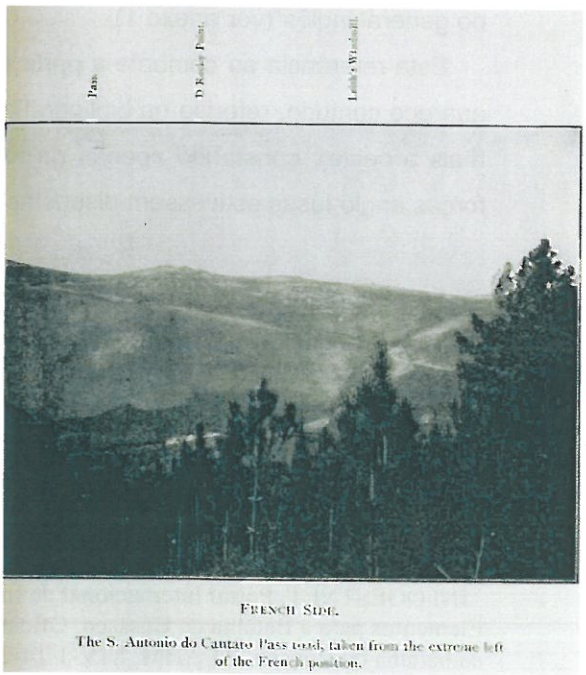


OMAN, Charles, M.A., A History of the Peninsular War, vol. III, Sept. 1809-Dec. 1810, Oxford, Clarendon Press, 1908, mapa entre as páginas 380 e 381

9.1. Ataque do II Corpo do Exército à Ala Direita - Santo António do Cântaro

Reynier iniciava o ataque com a 1ª e 2ª divisões de infantaria, respetivamente do gen. Merle (duas brigadas com 12 batalhões), e do gen. Heudelet de Bierre (15 batalhões agrupados em duas brigadas) que se afastaram, por falta de visibilidade, acabando por haver dois combates distintos no espaço de 2km. Perante o alcantilado da serra a operacionalidade da artilharia era diminuta e a própria cavalaria não conseguia avançar.

A densa neblina favorecia o ataque e dificultava a defesa - ao contrariar a visão periférica possível com a atmosfera desanuviada que as forças aliadas tinham da crista da serra sobre as encostas e os vales fronteiros por onde acometiam os franceses - pelo que os atacantes conseguiam progredir, porém, dissipado o nevoeiro, Wellington, que tinha instalado o seu posto de comando nas proximidades, e mandado instalar artilharia a defender a passagem de Stº António do [CHAMBERS, 1910, p.134), mandou abrir fogo sobre os atacantes que, após uma refrega de três quartos de hora e grandes perdas de homens acabaram por retirar encosta abaixo, desordenadamente, até ao ponto em que ficaram a coberto pela artilharia de Reynier:



FRENCH SIDE.

The S. Antonio do Cantato Pass road, taken from the extreme left of the French position.

[CHAMBERS, 1910, p. 69]

- o regimento 31 da brigada de Arnaud (Heudelet) progredia pela estrada, passagem de S. António do Cântaro, mas acabou por se encontrar frontalmente com a divisão de Picton, sendo depois auxiliados pela artilharia de Wellington que, quase à queima-roupa lhe varreu os flancos e a retaguarda, sendo obrigados a recuar [NUNES, 2004, p. 104 e DUQUE, 2012, p. 56-58] - (fotos 15-16);

- a divisão de Merle (Graindorge e Sarrut) colocada à direita de Santo António do Cântaro empreendeu, a coberto da vegetação e neblina, uma penosa subida "em virtude das aspereza das encostas e dos matagais que embaraçavam a marcha dos soldados" [TAVEIRA, 1910, p.692], mas devido ao nevoeiro, descaiu a mais de 1 km para a direita frente à Pendurada (fotos 6 e 14), empurrando as tropas ligeiras aliadas ao longo da encosta, indo encontrar a esquerda da divisão de Picton cujos regimentos ingleses 74, 88 e parte do 45 e o regimento português 8 a combateram,

- quando Reynier vê a vencida da divisão de Merle insta com Foy da divisão de Heudelet, que avança na direção do moinho de vento (Leith) (foto 7 e 8), foi rebatida principalmente pelas forças de Leith (foto 2) que, com a Brigada inglesa Barne (1º, 9º e 38º regimentos) e a brigada Champalimaud (9 e 21º regimentos portugueses e ainda um batalhão do 8 português) também assistiram com fogo. Foy, que tinha conseguido alcançar a crista da serra (foto 1), foi ferido e as suas tropas dispersaram [CHAMBERS, 1910, p.40-41 e 54].

Reynier via, assim, a sua ofensiva fracassada e decidiu retirar para o vale e aguardar o resultado do ataque do VI CE.

Neste âmbito, encontrámos um documento segundo o qual e fazendo fé na descrição do comandante da brigada de Artilharia do 2º Regimento, unida à Divisão do dito Leith, esta ação foi complementada com uma peça de artilharia postada sobre o Carvalho que fez fogo a uma partida de cavalaria, por ordem do general inglês[7](ver anexo 1).

Esta referência ao combate a partir de uma área mais a sudeste, fronteiro ou *sobre* o Carvalho, não aparece contudo, referida na bibliografia consultada (que circunscreve o perímetro do campo de batalha mais a oeste), constando apenas da fonte documental referida (em anexo), embora como se sabe as forças anglo-lusas estivessem dispostas ao longo da crista, bem além do Carvalho.[8]

Foi este confronto um dos mais relevantes e decisivos da batalha do Buçaco, tendo causado mais de 2000 baixas entre mortos, feridos e prisioneiros, assinalando-se a morte do próprio gen. Graindorge, dois coronéis, 80 oficiais e mais de sete centenas de soldados e feridos os generais Merle e Foy, entre os franceses como referido [LOUSADA, 2010, p. 340]. Efetivamente tendo o ataque de Santo António do Cântaro sido previsto como operação de moldagem, no âmbito da estratégia de Massena de encaminhar as

[7] INFOGESTNET, Portal Internacional de Informação e Pesquisa Interarquivos, Arquivo Histórico Militar, Elementos para a Batalha do Bussaco, Ofício (cópia) para Manuel de Brito Mouzinho sobre informações militares da batalha do Buçaco. PT AHM_DIV-1-14-258-01-m0001 disponível em www.**infogestnet**.com

[8] Auscultado o Sr. Tenente-coronel Pires Nunes, citado na bibliografia consultada, este é da opinião que o "Carvalho, ainda que em missão de vigilância, deve ser associado à batalha" - pelo que esta zona será de incluir na ZEPP.

forças anglo-lusas para a zona do Convento do Buçaco, este combate acabou por se tornar uma operação militar decisiva, embora com o resultado inverso ao pretendido pelas forças francesas.

9.2. Ataque do VI Corpo do Exército à Ala Esquerda – Moura/Sula

Da banda de Moura (fotos 20-24), onde Massena tinha montado o posto de comando, o marechal Ney, à frente do VI CE, ao saber que as forças de Reynier tinham atingido o cume da serra à direita da Passagem de Santo António do Cântaro, mandou avançar sobre Sula (povoação que na época se circunscrevia ao cabeço – foto 27), na direção da Porta de Sula do Convento do Buçaco (foto 32-33), com as divisões de Loison e de Marchand, cerca das 7 da manhã, segundo Chambers.

Vista a partir da posição aliada (abaixo dos penedos de Crauford) sobre o avanço francês – Sula à direita [CHAMBERS, 1910, p. 121].

Em combinação com o apoio de Marchand em vanguarda, ao longo da estrada de Moura-Sula (foto-21), Loison - no intuito de forçar a ala esquerda da linha de batalha dos aliados na retaguarda de Sula - mandou a brigada de Simon, com seis batalhões, trepar pela escarpa que conduzia à povoação, e a de Ferey, com outros seis, avançar sobre uma ravina de mais fácil acesso e mais próxima da estrada principal (fotos 29-30) em ataque à Divisão Ligeira.

Simon subia a encosta para alcançar o esporão (penedos de Crauford – foto 34) onde se encontrava a divisão de Craufurd em trincheira numa distância pouco superior a 100m do moinho, contudo a cerca de 50m uma barreira rochosa era intransponível e a coluna teve de contornar pela esquerda, o que possibilitou a Crauford mandar avançar os regimentos 43 e 52 que, violentamente, repeliram pelo fogo à queima-roupa o avanço francês, da encosta para baixo, contando também com o auxílio da brigada lusa de Coleman (que descera com a brigada em linha da posição nas proximidades da Porta de Sula), que por sua vez barrou Ferey, atacado pelo flanco pelo regimento português nº 19, acabando toda a divisão de Loison por retirar [CHAMBERS, 1910, p. 95 e 120-126].

A divisão de Marchand, a investir da posição a sul da estrada Moura-Sula, foi dizimada da mesma forma pela brigada Pack e forças da divisão de Spencer, retirando assim, com pesadas baixas. A brigada de Marcognet batida pelo fogo aliado não chegou a sair de Sula, e a coluna de Mermet, postada em reserva junto ao comando de Massena, não entrou em ação.

Da reserva geral francesa - o VIII CE - foi destacada a divisão Clausel para apoiar o II CE e a cavalaria à retaguarda das alturas de Moura, para coadjuvar o VI CE [LOUSADA, 2011, p.337 e segs.].

Massena, que se tinha conservado junto aos moinhos de Moura, perante o malogro dos dois ataques e 4.500 baixas, conquanto tivesse ainda o corpo de Junot ileso, perante a perspetiva de enfrentar 30.000 homens do exército anglo-luso, desistiu do combate [NUNES, 2004, p. 104-105].

Apesar de derrotado, entre 28 e 29 Massena consegue tornear a posição aliada tomando a via de Mortágua a Boialvo e avançar para Sul. Do mesmo modo, Wellington retirava em direção a Coimbra.

10. Importância da Batalha

A Batalha de 27 de Setembro de 1810, na serra do Buçaco, a maior em espaço e efetivos das travadas em Portugal - envolveu cerca de 110 mil homens, foi também a mais sangrenta batalha da Guerra Peninsular em território português - com cerca de 5000 baixas para os invasores e de cerca de 1300 baixas[9] para os aliados anglo-lusos.

Embora a reorganização das forças do exército português operada por Beresford no ano anterior tivesse tido algum peso, Wellington conseguia resultados positivos em grande parte devido à geotática que a serra do Buçaco potenciou, num contexto de "potencial relativo de combate (PCR) de quase paridade". Taticamente no Buçaco tratou-se de um ataque frontal executado contra uma posição defensiva avançada desdobrada em duas linhas. Massena cometeu vários erros táticos: atacou sem propriedade face ao terreno acidentado e parcialmente inexpugnável, e ao dispositivo inimigo em posição altaneira; instalou o posto de comando no Moinho de Moura - donde não disfrutava de uma visão plena do campo de batalha do II CE - pelo que não operou ajustes nas movimentações das tropas; a determinação inversa da força dos ataques dos dois CE, desproporcionados e dessincronizados face às posições dos defensores [LOUSADA, 2011, p.340-341].

A Batalha do Buçaco passaria a significar um modelo de tática defensiva em contexto militar na História da nação portuguesa. A boa integração das forças aliadas e o resultado vitorioso tiveram também o efeito de calar os insurgentes contra a continuação da guerra e provocaram o fortalecimento moral das tropas de defesa [Museu Militar do Buçaco, 2010, p.19 e 57].

A Batalha teve também a maior relevância, pois não só significou no momento a derrota e o enfraquecimento geral do exército invasor, como teve uma ação retardadora no seu avanço para Lisboa, permitindo assim o aprontamento do dispositivo defensivo das linhas de Torres Vedras, fator mais

[9] Mais uma vez os números variam com os autores, falando-se em pouco mais de 2000 para a coligação [Museu Militar do Buçaco, 2010, p.62]

importante da estratégia de Wellington que, sustendo em definitivo em meados de outubro o avanço sobre Lisboa após algumas tentativas frustradas de Massena, veio a determinar o fim da guerra.

O fim de uma "guerra total", que se tinha feito sentir em vários aspetos: o confronto dos exércitos, o envolvimento das próprias populações em ações de guerrilha e resistência, a recorrente devastação das povoações e pilhagem dos bens (comuns e privados) por onde as tropas tinham passado ou acampado (tanto do lado francês como do inglês); os atentados contra as próprias pessoas de extrema crueldade e violência, mormente sobre a população feminina [MARQUES, 2011, p. 165 e 173-177].

Apesar de todos os constrangimentos, foi o exército luso-britânico o primeiro, da Europa ocidental, a conseguir opor-se vitoriosamente às tropas de Napoleão.

III. Imóveis relacionados com a Batalha do Buçaco

10. Moinho de Leith – Posto de comando

Possivelmente de construção do século XVII-XVIII integrava-se no complexo de moinhos de vento de planta circular e capelo giratório que abundavam pela zona em locais altaneiros para captar a energia eólica necessária para a laboração.

O moinho detinha uma excelente visibilidade sobre todo o vale fronteiro - mais franca na época da guerra peninsular, como vimos, por esse motivo foi escolhido para posto de comando pelo general Leith, comandante da 5ª Divisão das tropas luso-britânicas que defendiam o flanco sudeste da Serra do Buçaco que, a partir desse ponto, poderia vigiar e combater os avanços das forças francesas, o que veio a acontecer relativamente ao ataque da brigada de Foy da divisão de Heudelet.

Atualmente, apenas mantém a forma externa de moinho, a torre, esvaziado de qualquer dispositivo interno funcional, tendo sido dotado de uma nova cobertura simples, já não um capelo, e panos murais consistentes, pese embora esta intervenção tenha sido feita sem recurso às argamassas tradicionais (fotos 2 a 4).

É o único imóvel que não constava da lista de imóveis referentes à Batalha do Buçaco com processos de classificação individuais, pela presente proposta fica agora integrado no perímetro da área a classificar.

11. Ruínas do Posto de comando de Wellington

Na parte mais alta da serra e não longe da Cruz Alta estabeleceu o Marechal General Arthur Wellesley, o seu posto de comando. Esta ocorrência está assinalada com uma placa indicativa sobre um aglomerado de pedras, ponto de onde o duque de Wellington comandou o desenrolar das operações

durante a batalha e observou o combate de Santo António do Cântaro. A placa foi colocada em 27 de outubro de 1947 – (fotos 10 a 13). Daqui tinha uma posição privilegiada sobre o vale donde proviriam as forças atacantes e dominava igualmente a crista da serra na larga extensão onde estacionavam as forças aliadas sob o seu comando.

12. Moinho de Sula – Posto de comando de Crauford

Integrava o conjunto de moinhos que laboravam pela cumeeira da serra, tal como o moinho de Leith. Detinha uma excelente visibilidade sobre todo o vale de Mortágua foi escolhido para albergar o posto de comando do general Robert Craufurd, comandante das tropas luso-britânicas que defendiam o flanco norte da Serra do Buçaco que, desse ponto se opôs à progressão da divisão de Loison do VI CE francês. Na imediação assinalam-se os penedos de Crauford donde se repeliu a progressão francesa [Museu Militar do Buçaco, p. 27] – foto 38.

Esta ocupação, ainda que temporária, confere-lhe uma importância simbólica tal como nos casos do Moinho de Leith e Moura, contudo foi este evocado em páginas da literatura portuguesa, designadamente na obra de Júlio Dantas, *Marcha triunfal* (1954), que o coloca em plena laboração durante o período da batalha com o personagem, o moleiro de Sula, moleiro do convento carmelita de Santa Cruz do Bussaco.

O moinho mantém-se com um aspeto diferente daquele que teve e se observa quer na fotografia com cerca de 100 anos e naquela tirada cerca de 1930 (fotos 35 e 36). Atualmente encontra-se rodeado de vegetação alta que impede a perceção do outrora campo de batalha e com habitações na proximidade.

De planta circular é construído em alvenaria de pedra irregular à vista, ao que parece de pano simples, com argamassa de tom avermelhado, essencialmente de cal aérea e restos de materiais existentes no meio em redor. Em 1930 todo o exterior se encontrava rebocado. A cobertura exterior é de chapa de forma cónica, como um capelo, na qual ainda se vê a abertura para o mastro de ligação ao catavento, que assenta sobre uma estrutura ripada de madeira disposta de forma radial sob um forro, que é suportada por uma asna. O chão é em lajedo. O interior foi completamente esvaziado do equipamento de moagem: os elementos descritos na *Marcha Triunfal* [DANTAS,1956, p. 193-227] - "o roço, a mó, as cambeiras, os sacos de cereal para moer (...) as velas; a tremonha [para receber o grão]; (...) a escaleira íngreme; (...) o sarilho para regular o vento; o fuchal (...) o mastro no bácoro; (...) as espias, (...) as velas bojadas, as cantarinhas" cantantes - há muito desapareceram.

Tem um perímetro exterior delimitado por uma corrente e marcos de alvenaria (foto 37). Dista cerca de 2 km do Moinho da Moura em linha reta.

13. Moinho de Moura

Localiza-se na aldeia de que tomou o nome, no concelho de Mortágua. Albergou o posto de comando do Marechal André Massena que daí deu as ordens para os dois ataques no decurso da Batalha. Tem duas placas afixadas: uma identificativa da ocorrência histórica, e outra colocada na comemoração dos 150 anos da Batalha, homenagem do *Centre D'Études Napoléoniennes* aos franceses presentes nas campanhas peninsulares (foto 24).

Tem o mesmo tipo de fatura dos homólogos, sendo uma reconstrução do primitivo, não dispondo, porém de cobertura. Tal como o de Sula, tem um perímetro rodeado por uma corrente.

Segundo informação prestada pelo Chefe do Museu Militar do Buçaco, Sargento-ajudante Francisco Pereira, em fevereiro de 2014 derruiu parcialmente em virtude das águas da chuva aluírem as argamassas (foto 25). Estando adscrito à Direção de Infraestruturas do Exército, esta solicitou no ano de 2015 dois orçamentos para a sua reconstrução – outra sem cobertura e uma com cobertura (o que salvaguardará melhor a solidez da alvenaria de pedra irregular à vista das infiltrações das águas pluviais).

A envolvente próxima do moinho é hoje uma zona urbana com edificações descaracterizadas sucessivamente acrescentadas. (foto 26).

14. Capela das Almas do Encarnadouro ou de Nossa Senhora da Vitória

A capela das Almas do Encarnadouro ou Encarradouro foi começada em finais do séc. XVII por iniciativa de Luís Ferreira, devoto leigo de Santa Cristina da Serra (Mortágua), que deixou 80.000 reis para a obra.

Embora inacabada serviu de hospital de sangue, ou seja, de enfermaria de campanha às baixas de ambos os exércitos presentes na Batalha do Buçaco. Esta circunstância é retratada na obra literária *As Portas do Céu* que tem como tema a batalha do Buçaco: "na iminência do confronto, havia necessidade de armar uma "enfermaria o mais perto possível do campo de batalha" (...) Acabámos por escolher a capela do Encarnadouro, situada fora da cerca [do Mosteiro do Buçaco]. O espaço era exíguo e os recursos insuficientes para acudir aos (...) soldados" [CARVALHO, 2001], feridos naquela que veio a ser a mais sangrenta batalha ocorrida em solo pátrio. Aí foram socorridos muitos homens, tanto das forças de defesa como franceses feridos abandonados no campo, com o socorro dos frades do convento do Buçaco. Relativamente aos soldados das tropas inimigas foram recolhidos pela cavalaria inglesa e tratados na Capela 70 feridos, durante três semanas, onde eram visitados pelos oficiais franceses [CHAMBERS, 1910, p.175 e 153-156].

Em 1859, bastante arruinada, foi adquirida pelo Município a que pertencia, sendo presidente da Câmara Adriano Baptista Ferreira, mantendo-se abandonada, reflexo da situação traumática que a sociedade portuguesa viveu na primeira metade do século.

Por instâncias do promotor do monumento comemorativo, o já mencionado Tenente-coronel Cascais, foi cedida graciosamente pela Edilidade e passou à posse do Ministério da Guerra, tendo nessa altura sido autorizada pelo Ministro Fontes Pereira de Melo, em 1871, a sua remodelação e ampliação. Pronta em 1876 por altura do 66º aniversário da Batalha, foi benzida em cerimónia solene com a invocação de Nossa Senhora da Vitória e das Almas, por causa do uso que tivera e devido ao sucesso da batalha, mantendo-se até hoje propriedade do Estado e em uso do Exército.

De fachada principal delimitada por cunhais e lambril colorido, com portal simples de arco abatido, ao qual se acede por três degraus, encimado por janelão colocado em losango; tem a empena recortada, com aletas enroladas que repousam sobre cimalha saliente, e uma pequena sineira em acrotério (foto 42).

O interior de nave única, iluminado por fenestração lateral, tem a cabeceira estreita elevada em um degrau, onde se destaca o altar-mor de mármore colorido de bom risco e execução, mas algo arcaizante para a época, pois cremos que o altar tenha sido feito no âmbito da remodelação da capela (fotos 43 e 44).

De fino lavor, as pilastras são decoradas com mísulas de enrolamentos imbricados na parte superior e acantos ascendentes dos enrolamentos inferiores que terminam em gola com pingentes. Estas sustentam um frontão contracurvado interrompido, com cartela central com delicados ornamentos florais inferiores. No pano central a representação pictórica de S. Miguel das Almas (foto 45).

A capela alberga ainda uma imagem de Santo António que pertencera ao Regimento de Infantaria 19, presente na Batalha.

Sobre a entrada da capela uma tribuna balaustrada assenta sobre quatro colunas, tendo por acessos uma escada em caracol de cada lado. O pavimento de lajes quadradas de mármore é a três cores tal como o retábulo - branco, rosa e, em vez de cinzento, preto.

15. Museu Militar do Buçaco

Em edifício anexo à Capela encontra-se o Museu Militar do Buçaco que é integrado na Direção de História e Cultura Militar do Exército, com sede em Lisboa (foto 40).

Foi levantado junto da Capela das Almas por iniciativa da Comissão Oficial Executiva do Centenário da Guerra Peninsular, decretada em 19 de agosto de 1908, e a sua inauguração, em 27 de Setembro de 1910 com a presença do Rei D. Manuel II, por ocasião do 1º centenário da Batalha do Buçaco, constituiu um dos pontos altos das cerimónias, nas quais estiveram presentes para além do monarca e comitiva, o neto do duque de Wellington e um dos pioneiros dos estudos da Guerra Peninsular, o já citado Charles Chadwick Oman.

Conforme o programa geral da comemoração, o Museu tinha por objetivo ser "o precioso depósito de quantas recordações fosse possível arrecadar para subsidiarem a história da batalha e vantajosamente elucidarem os visitantes do Buçaco". Integrava também uma biblioteca que se dispersou antes de 1930.

O núcleo museológico exibe armamento, fardamentos e equipamentos utilizados ou coevos da Batalha do Buçaco - designadamente uma peça de artilharia de campanha de 9 libras e respetiva guarnição (vindos de exposição homóloga no Museu Militar de Lisboa) - sendo parte desse espólio composto por vestígios encontrados nos campos de batalha por particulares que os ofereceram ao Museu. Integrou também algumas peças expostas anteriormente na Capela anexa, plantas e gravuras da batalha.

Na década de 1960 o edifício foi totalmente remodelado pela Direção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais, tendo tido uma sessão inaugural desta versão em 1962, na mesma data simbólica - 27 de setembro. Mais recentemente sofreu novamente obras de recuperação e beneficiação tendo sido reaberto, em 15 de maio de 2007, pelo Diretor de História e Cultura Militar do Exército Português [Museu Militar do Buçaco, 2010, p.19-20].

Ao espólio do séc. XIX referido, foram acrescentados outros recursos interpretativos e melhoria do discurso museológico, nomeadamente uma maquete mostrando as posições das forças em combate e um vídeo sobre as ações valorosas das unidades portuguesas presentes no confronto e, de modo geral, no combate às Invasões Francesas em prol da soberania nacional.

16. **Obelisco**

A iniciativa de erigir em Portugal um monumento comemorativo da Guerra Peninsular coube ao general Joaquim da Costa Cascais, oficial de artilharia que, em 1862, o havia proposto ao Ministro da Guerra (Visconde de Sá da Bandeira) que o encarregou de escrever a história da Guerra Peninsular, decorridos 48 anos sobre o fim da mesma.

Escolhido o local, um amplo terreiro (atualmente empedrado), com cerca de 5000 m^2, entre a Porta de Sula e a Porta da Rainha da Cerca do Convento do Buçaco, onde, segundo os relatos, na altura em que as divisões de Loison e de Marchand se aproximavam da crista da Serra, chegou Wellington a galope, vindo da divisão de Picton [Museu Militar do Buçaco, 2010, p. 62], nele foi colocada, em 1865, a primeira pedra do monumento que ficou a ser conhecido por obelisco[10] [ABREU, 1865, p.30-31].

Foi o obelisco original, completado em 1873, esculpido em um só bloco de seis metros de pedra lioz mandada vir de Pero Pinheiro (Sintra) mas, atingido por um raio apenas três anos mais tarde, a reconstrução de 1879 usou já vários blocos [Museu Militar do Buçaco, 2010, p. 27].

É constituído por uma pirâmide quadrada encimada por uma estrela de cristal, que assenta num pedestal moldurado com base quadrangular em degraus, com 5,6 m de lado (foto 46). Junto à estrela multipontas de cristal foi colocado um para-raios.

Nas faces do pedestal foram aplicadas inscrições do mesmo material. Uma dedica o monumento: "AO EXERCITO/ LUSO-BRITANNICO/ CAMPANHAS/ DA/ GUERRA PENINSULAR/ 1808 A 1814/ 6 BLOQUEIOS/ 12 DEFENSAS/ 14 CERCOS/ 18 ASSALTOS/ 215 COMBATES/ 15 BATALHAS". Na face

[10] O uso da forma do obelisco para símbolo da liberdade e independência nacional foi novamente usado no monumento aos restauradores de 1640, inaugurado em Lisboa em 1886, desenhado em 1877 por António Tomás da Fonseca, professor de Desenho na Universidade de Coimbra.

oposta consta: "ERIGIDO/ EM/ 1873/ DESTRUIDO/ POR/ UM RAIO/ EM/ DEZEMBRO - 20/1876/ RESTAURADO/ EM/ 1879".

No âmbito da já citada comemoração do 1º centenário da batalha do Buçaco, após missa campal, foi descerrada por D. Manuel II uma bela coroa de folhas de carvalho e louro, em bronze, fundida pelo Arsenal do Exército nesse mesmo ano, conforme inscrição, e que ainda hoje repousa sobre o degrau mais elevado da base do monumento.

Existe ainda uma placa comemorativa do 175º aniversário da Batalha do Buçaco, colocada a 27 de setembro de 1985, pela Região Militar do Centro e Museu Militar.

A base do monumento é emoldurada por uma faixa de calçada à portuguesa de desenhos geométricos com motivos circulares, que se encontra resguardada do pisoteio por uma cadeia de ferro suspensa de antigas peças de artilharia de boca invertida em número de oito (foto 50), solução que se encontra também no lado do terreiro sobre o vale.

É património do Exército, tal como os moinhos de Sula, de Moura e o Posto de Comando de Wellington.

IV. OBJETO/ PROPOSTA DA CLASSIFICAÇÃO

17. Efetuadas deslocações por várias vezes de acordo com as disponibilidades e apoio das Autarquias envolvidas aos diversos pontos da serra e aos imóveis referidos, procedeu-se ao cruzamento da cartografia atual com as fontes bibliográficas e documentais no sentido de estabelecer, com o grau de certeza possível, a delimitação dos dois campos de batalha e assinalar os imóveis com ela relacionada. Foi por conseguinte, feito o registo fotográfico das áreas dos campos de batalha (na medida do exequível dadas a extensão das áreas e a acessibilidade automóvel) e dos imóveis associados.

18. Refira-se que algumas componentes geográficas se alteraram entre a época da batalha e os nossos dias: em termos de paisagem - passando de serra desnuda a serra florestada com eucaliptos e infestantes, não permitindo, da maior parte da cumeada, lograr os vales que constituíram a base de lançamento das forças atacantes, e as encostas, palco dos confrontos entre as forças francesas e aliadas; em termos de estrutura viária houve o desaparecimento ou alteração de rota de algumas vias (caso da Estrada Real e via de Moura ao Convento do Bussaco) que dificulta determinar com total exatidão o percurso das tropas. A diferença entre a cartografia da época e a precisão da atual é também de referir. Nesse sentido tomou-se como ponto de referência as delimitações propostas pelos Serviços do Exército aquando do início dos anteriores processos de classificação (em anexo), atualizando-se, contudo, para uma delimitação mais consentânea com os critérios atualmente em uso em classificações de património cultural e mais facilmente mapeável.

19. Relativamente ao rol dos imóveis que se integram no âmbito do próprio confronto e constituem pontos-chave do campo de batalha, aos anteriormente alvo de processos individuais de classificação - os postos de comando dos generais Wellington, Crauford e Massena - acrescentamos o posto de comando do general Leith, figura proeminente no combate de Santo António do Cântaro.

20. Quanto aos dois restantes – Obelisco e Capela de Nossa Senhora da Vitória ou das Almas do Encarnadouro - estes não se localizam naquela que foi a área do confronto, devendo ficar, por força do parecer do Relator aprovado em Conselho Consultivo, apenas abrangidos pela zona de proteção a instituir. Contudo, em termos de critérios de apreciação, consideramos que tanto um imóvel como outro constituem "testemunho notável de vivências ou factos históricos", estando mais presentes e identificáveis em termos de memória coletiva do que o vasto território no qual se confrontaram os exércitos - designadamente na área de combate Moura-Sula, hoje ocupado com edificações resultantes da expansão urbana - motivo pelo qual propomos a extensão a área a classificar de forma a os englobar. Constituem, para além disso, dois importantes pontos de interesse e de visita turístico-cultural a quem se desloca a estes territórios.

21. Tendo em conta o descritivo das movimentações de tropas e dos confrontos entre aliados e franceses, sustentada no enquadramento histórico, e ao interesse dos bens como testemunhos notáveis de vivências ou factos históricos, à sua extensão e o que neles se reflete do ponto de vista da memória coletiva, à sua importância do ponto de vista da investigação histórica, propomos a abertura do procedimento de classificação do Campo Militar da Batalha do Buçaco, sítio[11] que compreende duas áreas distintas, com a delimitação *grosso modo*, desde a crista da serra até aos vales fronteiros a ela para nordeste, conforme abaixo descrito e planta anexa.

a) Campo de Santo António do Cântaro

- relativo ao confronto entre o II CE de Reynier (divisões de Merle e Heudelet) e as divisões de Picton e de Leith das forças aliadas, abrange território pertencente ao Município de Penacova,
- perímetro do campo militar proposto: ligeiramente abaixo da cumeada da serra do Buçaco, no sentido SO percorre o "estradão" da Portela da Oliveira, abrange o posto de comando (moinho) de Leith, e uma área mais a sudeste (onde o ataque de Heudelet foi repelido) até frente ao Carvalho, infletindo para sul encosta abaixo, seguindo pelos campos em direção a Santo António do Cântaro, donde toma a estrada em direção à Pendurada, (em frente à qual se deu a progressão de Merle) que contorna exteriormente. Dali, sobe pelas curvas de nível até à proximidade do Posto de Comando de Wellington, seguindo pelo caminho, retomando o estradão.
- abrange os dois imóveis relacionados com a Batalha - o local do Posto de comando de Wellington e o Posto de comando de Leith (Moinho).

[11] De acordo com o enunciado no art.º 1 da Carta de Veneza.

b) Campo de Moura/Sula

- relativo ao confronto entre o VI CE de Ney (divisões de Loison e Marchand) e as divisões de Crauford e Spencer e as brigadas de Pack e Coleman das forças aliadas, abrange território pertencente ao Município de Mortágua e Mealhada;

O perímetro do campo militar proposto é o seguidamente descrito no sentido nordeste-sudoeste:

- abrange a povoação Moura (à volta da qual se postaram as forças do VI Corpo francês), a povoação de Sula (atravessada pelas tropas), chegando até à Porta de Sula na cerca do Convento do Buçaco e daí até ao Museu Militar/Capela das Almas,:

- abrange os imóveis relacionados e/ou comemorativos da Batalha – Moinho de Moura e Moinho de Sula localizam-se no território do Município de Mortágua; - o Obelisco e Capela da Vitória localizam-se no território do Município da Mealhada.

22. O campo da Batalha do Buçaco, desdobrado em dois locais de combate, e os imóveis referidos são detentores de inestimável valor cultural porquanto são testemunhos de factos históricos relacionados com a independência e soberania nacionais, têm uma extensão alargada onde se reflete uma memória coletiva e detêm importância em termos de investigação histórica.

23. O procedimento de classificação é tanto mais pertinente quanto se perfila uma aposta por parte da Entidade Regional de Turismo do Centro no "produto turismo militar" e de natureza, integrando precisamente a "revitalização da própria rota de Wellington, desde o Buçaco (...)"[12], e que o Estado vai lançar uma rede de turismo militar, que abrange infraestruturas em todo o País, para divulgar história, cultura e património[13].

24. Efetivamente, não só se perspetiva a inclusão destes espaços na *Rota Wellington,* conforme anunciado pela Entidade Regional de Turismo do Centro [Diário As Beiras, de 3/4/2015 – em anexo], como também, com o envolvimento das três Autarquias e da Fundação Mata do Buçaco, se tem realizado ao longo dos últimos quatro anos o projeto *Caminhos da Batalha do Bussaco,* consistindo numa série de iniciativas comemorativas e culturais da passagem do aniversário da Batalha e que preconiza a sua transformação num produto turístico passível de submissão a fundos comunitários [ver anexos]. Pode a sua classificação como bem cultural contribuir e reforçar a difusão desta página da história de Portugal e ser motor de dinamização dos territórios, catalisando eventualmente a criação de novos equipamentos e formas de interpretação histórico-museológica, com reflexo positivo na atração turística, e mormente no turismo militar da região.

25. Projeta atualmente a EDP Renováveis a construção do Parque Eólico de Penacova, em ritmo acelerado, conforme nos foi transmitido em reunião tida a 26/9/2016 com o responsável pelo

[12] DIÁRIO de VISEU, 06.03.2015, p. 20 e DIÁRIO AS BEIRAS, 03.04.2015, pág.32.
[13] METRO Portugal, 30-7-2015.

estudo de incidências ambientais (EIncA), em fase de conclusão. O projetado parque eólico ocupa grande parte da crista da Serra do Buçaco, sobrepondo-se em cerca de 6 torres à área a afetar em termos de servidão administrativa à classificação proposta, conforme se pode constatar através da análise da planta anexa.

26. Face ao exposto, e tendo em conta as evidentes e emergentes circunstâncias suscetíveis de acarretarem diminuição ou perda da perenidade ou da integridade do bem, propomos a urgente abertura do procedimento de classificação do Campo Militar da Batalha do Buçaco (dois locais de combate), conforme planta anexa.

27. Caso haja concordância superior com a presente proposta será de remeter esta informação com carater de urgência à DGPC.

À Consideração Superior,

Lígia Inês Gambini
Técnica Superior Principal | Mestra em História

IMAGENS

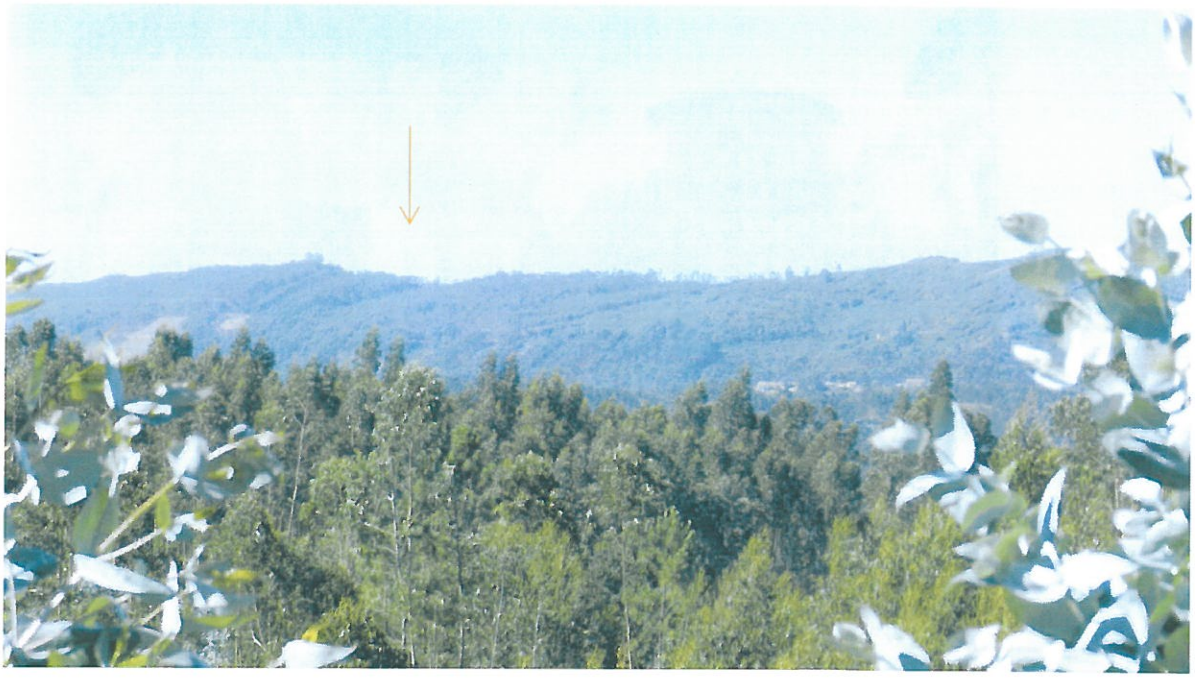
1.Estrada de Mortágua – Coimbra

Bifurcação onde se deu a divergência do II Corpo do Exército francês, para a esquerda em direção a Santo António do Cântaro, enquanto o VI Corpo continuava em frente em direção a Moura e Sula

O II Corpo deveria empurrar as tropas anglo-lusas em direção ao Convento do Buçaco, em operação de moldagem, enquanto ao VI Corpo cabia a operação decisiva.

Campo de batalha de Santo António do Cântaro e respetivos imóveis

2.Vista parcial da Serra do Buçaco encosta este
mostrando a zona de confronto - a meia encosta aldeia da Pendurada



→ Posto de comando/Moinho de Leith – 49º20'30''N - 8º20'17''O 413m altitude - mais à esquerda se deu a repulsão do ataque de Foy

3.

4.Vista da cumeada sobre a encosta este (lado do campo de batalha)

5.Atual aspeto arborizado da serra do Buçaco, incluindo o cabeço do Moinho de Leith

6.Vista da crista da serra para este, frente a Portela da Armada, vendo-se ao centro da imagem a povoação da Pendurada, para a direita localiza-se Santo António do Cântaro (aprox. 40º20'45''N 8º 20' 08'')

7.Vista tomada da encosta este da Serra – zona desmatada por iniciativa da CM Penacova - e que corresponde a uma pequena parcela do campo de batalha entre o II CE e a divisão de Picton. Em baixo Santo António do Cântaro.

8.Vista do mesmo ponto sobre o Soalhal

9.Vista do mesmo troço em sentido ascendente

10.Posto de comando de Wellington 40º21'01''N 8º20'45''O 489m altitude

11.Vista dos penedos de Wellington sobre a crista da serra do Buçaco em direção a leste, incluindo o cabeço do Moinho de Leith

12.Vista para este, de onde sobrevieram os ataques

13.Crista da serra -acesso vindo de norte e limite oeste da classificação

Santo António do Cântaro

14.Vista geral sobre o campo de batalha

15.Vista de Santo António do Cântaro sobre a encosta (com a zona desmatada assinalada), do campo de batalha

16.Estrada que delimita o campo de batalha a este

17.Ermida de Santo António do Cântaro ao redor da qual se postou a artilharia

18.Aspeto atual da povoação de Santo António do Cântaro

Campo de Batalha de Moura-Sula e respetivos imóveis

19.Estrada Mortágua – Coimbra por onde avançou o VI Corpo

20.Vista para a cumeada da Serra e povoação de Sula (zona urbana de ocupação mais recente)

21.Estrada Mortágua – Coimbra por onde subiram as forças de Marchand

Posto de Comando de Massena/ Moinho de Moura

22.Vista sobre a encosta da batalha

23.Zoom sobre o Posto de comando de Massena/Moinho de Moura, oculto pela vegetação

Moinho de Moura

24.

25.Aspeto da derrocada de 2014 que ainda se mantém

25.Vista do moinho - sobre o casario de Moura que bordeja a estrada vinda de Mortágua

26.Acesso ao moinho no sentido descendente e envolvente próxima

27.Cabeço de Sula, correspondente à povoação primitiva, atravessada pelas tropas francesas em direção à Porta de Sula

28.Campo de batalha visto da estrada de Moura para Sula

29.Subida por onde se encaminhou a divisão de Loison em direção a Sula

30. Zona de defesa - Campo de batalha de Sula ocupado com edificações

31. vista da N234-4 para este

32.Porta de Sula e terreiro onde estacionaram as tropas anglo-lusas

33.Porta de Sula e Obelisco vistos da N- 234-4

Posto de Comando de Crauford /Moinho de Sula

34.

35. Imagem de inícios do séc. XX

36. Foto Manuel Abreu c. 1930

37.Envolvente urbanizada e arborizada

38.Penedos de Crauford assinalados por placa frente a vegetação impeditiva de vista sobre a encosta e o vale/campo de batalha

39.Acesso ao moinho de Sula

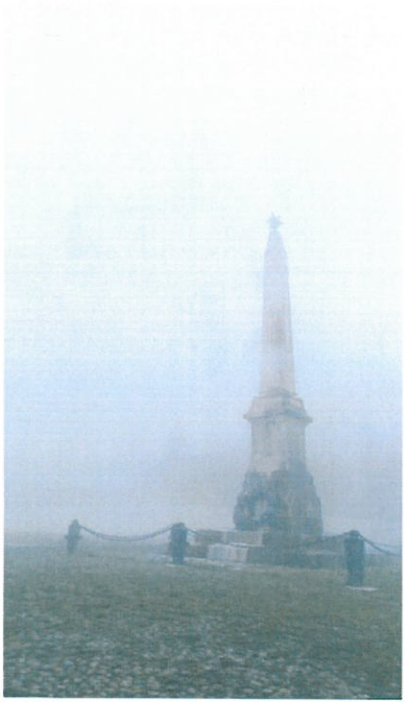
40.**Capela da Vitória ou das Almas e Museu Militar**

41. Acesso do exterior ao Museu e Capela

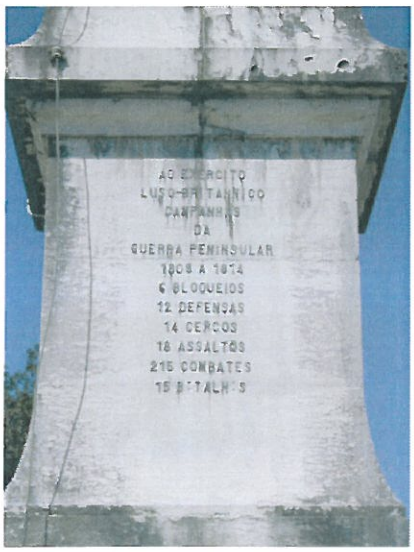
42.Fachada

43-44. interior
45. altar-mor

46.**Obelisco**



47. em dia de nevoeiro como o dia da Batalha



48. Inscrição dedicatória

49.Coroa fundida no Arsenal do Exército para as celebrações do 1º centenário (1910)

50.Cercadura do monumento

LIG/LIG

Bibliografia

ABREU, João António Peres, *Roteiro do viajante no continente: e nos caminhos de ferro de Portugal em 1865*, Imprensa da Universidade de Coimbra, 1865

ANACLETO, Regina, *Neoclassicismo e Romantismo*, vol. 10, *História da Arte em Portugal*, Publicações Alfa, Lisboa, 1986.

CARVALHO, António Breda, *As Portas do Céu*, Águeda, Câmara Municipal, 2001.

CHAMBERS, *Wellington's Battelfields Illustrated: Bussaco*, London, Swan Sonneschein & Co., Ltd., 1910.

CHARTRAND, Rene, *Bussaco 1810: Wellington defeats Napoleon's Marshals*, 2001, Osprey Publishing, Oxford, UK.

CONGRESSO INTERNACIONAL COMEMORATIVO DA BATALHA DO BUÇACO: actas,/dir. Manuela Mendonça, Academia Portuguesa de História, Lisboa, 2011

DUQUE, José Matos, A batalha do Buçaco: 15 dias de história de Portugal, Viseu, Quartzo Editora, 2012.

DANTAS, Júlio, *Marcha triunfal*, Lisboa, Bertrand, 1961.

INFOGESTNET, Portal Internacional de Informação e Pesquisa Interarquivos, www.infogestnet.com

LOUSADA, Abílio Pires, "Aspectos militares da Batalha do Buçaco", CONGRESSO INTERNACIONAL COMEMORATIVO DA BATALHA DO BUÇACO: actas,/dir. Manuela Mendonça, Academia Portuguesa de História, Lisboa, 2011, p. 321-345.

MARQUES, Maria Alegria Fernandes, "Os franceses do Buçaco: homens que passam, memórias que ficam…", CONGRESSO INTERNACIONAL COMEMORATIVO DA BATALHA DO BUÇACO: actas,/dir. Manuela Mendonça, Academia Portuguesa de História, Lisboa, 2011, p.153-210.

Museu Militar do Buçaco: edição comemorativa do centenário: 1910-2010, Lisboa, Direcção de História e Cultura Militar do Exército, 2010.

NUNES, António Pires, "Portugal e o novo conflito armado emergente da Revolução Francesa", *Nova História Militar de Portugal*, direção de Manuel Themudo Barata e Nuno Severiano Teixeira, vol. 3, Círculo de Leitores, 2004.

OMAN, Charles, M.A., *A History of the Peninsular War*, vol. III, Sept. 1809-Dec. 1810, Oxford, Clarendon Press, 1908.

PEREIRA, José Fernandes, "O Neoclássico", *História da arte portuguesa, Do Barroco à Contemporaneidade,* vol. III / dir. de Paulo Pereira, Círculo de Leitores, 1995, p. 183 e segs.

PIRES, Nuno Barrento Lemos, "Guerra Peninsular – Guerra Total", CONGRESSO INTERNACIONAL COMEMORATIVO DA BATALHA DO BUÇACO: actas,/dir. Manuela Mendonça, Academia Portuguesa de História, Lisboa, 2011, p. 255-283.

"Planeamento e Comando nas Pequenas Unidades", Unidade Curricular M-137 E M-138 Tática de Cavalaria I -II, Gabinete de Tática de Cavalaria, Academia Militar, Exército Português, Ministério da Defesa Nacional, s/d .

REVISTA MILTAR, Lisboa : Empresa da Revista Militar, Ano de 1910.

ROSA, Carlos Francisco Meneses Fernandes Faria da, *Caracterização de alvenarias de pedra antigas*, Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Engenharia Civil, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, 2013.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal* [1807-1832], vol. VII, Editorial Verbo, 1984.

SORIANO, Simão José da Luz, História da Guerra Civil e do Estabelecimento do Governo Parlamentar em *Portugal*, Segunda Epocha, Guerra da Península, Tomo III, Lisboa, Imprensa Nacional, 1874.

TAVEIRA, Coronel do E.M., "Bussaco", *Revista Militar*, 2ª época, Commemoração Centenaria da Guerra da Peninsula, Ano LXII, Setembro e Outubro, nº 9, 1910, p.648-721

VALENTE, Augusto José Monteiro, "A Batalha do Bussaco e as suas consequências nas estratégias em confronto", CONGRESSO INTERNACIONAL COMEMORATIVO DA BATALHA DO BUÇACO: actas,/dir. Manuela Mendonça, Academia Portuguesa de História, Lisboa, 2011, pp. 377-389.

VITORIANO, José César, *Batalha do Buçaco*, 3.ª Ed., Lisboa, Imprensa da Armada, 1930.

http://www.cm-mealhada.pt/index.php?id=71&acao=mostra.php, vista em fev-16

http://www.areamilitar.net/HISTber.aspx?N=43 vista em 21/7/16.

http://bibliotecavirtualdefensa.es